



**Jaqueline da Silva Moraes**

**Ter ou não ter filhos? Motivações da  
mulher contemporânea para a  
maternidade**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro  
Abril de 2020



**Jaqueline da Silva Moraes**

**Ter ou não ter filhos? Motivações da  
mulher contemporânea para a  
maternidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora.

**Profa. Terezinha Féres-Carneiro**

Orientadora  
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Andrea Seixas Magalhães**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Mônica de Vasconcellos Dias**

Instituto de Ciências da Saúde – UVA

**Profa. Mônica de Vasconcellos Dias**

Instituto de Ciências da Saúde - UVA

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## Jaqueline da Silva Moraes

Graduada em Psicologia pela PUC-Rio, mestre em Psicologia Clínica pela mesma instituição, especialista em Psicoterapia de Família pela PUC-Rio. Membro do Laboratório de Estudos em Família e Casal – LEFaC (vinculado ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio). Atua principalmente nos seguintes temas: terapia de família, terapia de casal, parentalidade, vicissitudes na clínica com família e casal.

### Ficha Catalográfica

Moraes, Jaqueline da Silva

Ter ou não ter filhos? : motivações da mulher contemporânea para a maternidade / Jaqueline da Silva Moraes ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2020.

51 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Desejo de filhos. 3. Motivações. 4. Mulher contemporânea. 5. Maternidade. I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

## Agradecimentos

A Deus, por estar sempre ao meu lado, me dando fôlego e serenidade para realizar esse trabalho.

À minha mãe, Jacira, por todo investimento, suporte e pelo amor incondicional, sem o qual não seria possível continuar. Obrigada pelo apoio durante toda esta jornada.

Ao meu irmão, Bruno, que mesmo distante foi combustível para essa caminhada. Obrigada pela força e encorajamento de sempre.

Ao Túlio, meu noivo. Obrigada por toda ajuda, paciência, e por essa presença firme e cuidadosa ao meu lado.

À Terezinha Féres-Carneiro, fonte de inspiração para meu percurso profissional. Agradeço por tamanha disponibilidade, generosidade e dedicação ao transmitir conhecimentos tão profundos. Gratidão pela parceria tão frutífera e por, de forma tão afetuosa e paciente, acreditar no meu trabalho e no desenvolvimento desta pesquisa.

À Andrea Seixas Magalhães, e Mônica Dias, membros da Banca avaliadora. Agradeço pela generosidade, e contribuições tão valiosas para composição deste trabalho.

A toda equipe do LEFaC, pelo aprendizado e troca durante esse período.

A todas as mulheres participantes dessa pesquisa, que dividiram comigo histórias tão íntimas que tornaram possível a realização dessa pesquisa. Obrigada por toda confiança e disponibilidade.

Ao CNPq e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

## Resumo

A presente dissertação teve como objetivo investigar o desejo feminino de filhos na atualidade. Está sendo apresentada em formato de dois artigos. No primeiro, investigaram-se as motivações referentes à não maternidade e no segundo, foi investigado os motivos para ter filhos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistadas dez mulheres com idades entre 33 e 40 anos, sem filhos, casadas ou em união estável há no mínimo dois anos, atuantes no mercado de trabalho. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Da avaliação do material emergiram sete categorias de análises, *renúncias e sacrifícios, infância e adolescência parentalizada, carreira, legado materno, continuidade da família, promessa de um amor incondicional, e pressão biológica*. As quatro primeiras foram apresentadas no primeiro artigo, as demais, no segundo. Os resultados demonstraram que as entrevistadas não optaram pelo projeto materno por priorizar um estilo de vida livre, sem as renúncias que a maternidade exige. Para as mulheres que desejam ter filhos, compreendemos que o anseio de continuidade da família influencia na decisão pela reprodução. Concluimos que o desejo de filhos apresenta aspectos conscientes e inconscientes e perpassa a história familiar de cada mulher.

**Palavras-chave:** desejo de filhos; motivações; mulher contemporânea; maternidade

## Abstract

This dissertation has the objective of investigating the feminine desire for having kids in the modern day. It is presented in the format of two articles. In the first, the motivations with respect to non maternity were investigated and in the second, the reasons for having kids were investigated. For this purpose, qualitative research was executed in which ten women were interviewed, all with ages between 33 and 40, no children, married or in stable unions for at least two years, and active in the work market. The results were analyzed according to the content analysis method in its categorical type. From the evaluation of the material seven analysis categories emerged, *waivers and sacrifices, parentalized childhood, career, maternal legacy, continuity of the family, promise of unconditional love, and biological pressure*. The four first were presented in the first article, the others in the second. The results present a number of women who reject the maternal projects, for the choice of living a free life, without the renunciations that maternity demands. For women who desire to have kids, we understand that the desire for the continuity of the family influences in the decision for reproduction. We conclude that the desire for childrens presents conscious and unconscious aspects and runs through each woman's family history.

**Keywords:** desire for children ; motivations ; contemporary women ;maternity

## Sumário

1. Introdução	8
2. Mulher contemporânea: Por que não ter filhos?	11
2.1. Método	14
2.2. Resultados e discussão	16
2.3. Considerações finais	25
3. Eu quero ter filhos: um estudo sobre o desejo de maternidade	29
3.1. Método	32
3.2. Resultados e discussão	34
3.3. Considerações finais	40
4. Conclusão	43
5. Referências bibliográficas	46
Anexo 1- Roteiro de Entrevista	49
Anexo 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	50

## 1. Introdução

Compreendemos que a maternidade por muitos anos foi um pilar fundamental da identidade feminina, porém com outros modos de realização as mulheres vêm repensando a escolha pela reprodução. Roudinesco (2003) ressalta que a família tradicional se sustentava em uma ordem mundial submetida ao poder patriarcal. A figura do pai semelhante a Deus era respeitada e jamais questionada. A autora explica que ao longo de muitas transformações sociais a soberania paterna vai progressivamente perdendo força e ele é destituído do lugar central e hierárquico na família. Com uma reorganização horizontal do modelo familiar, surge o que Roudinesco intitula como a “irrupção do feminino”, que atribuiu poder as mulheres e um novo e importante papel feminino dentro da família. Em progressiva emancipação, as mulheres geram a “mutilação do patriarca” e começam a ter domínio sobre a procriação.

Tais adventos proporcionaram modificações no conceito de maternidade, como a idealização do amor materno e um culto à maternidade. Com isso começou-se a valorizar e responsabilizar a figura materna, por meio de discursos, pensadores, autoridades e médicos ampliaram o lugar da mãe e da criança na sociedade (Maldonato, 1989).

Assim, a ideia da maternidade como dom natural é propagada culturalmente, e internalizada pela menina desde a tenra infância. Aceitando o argumento de instinto, a construção da identidade feminina foi atravessada pela condição de ser mãe como a única via para o sentimento de plenitude e felicidade. Badinter (2011) sugere que ao invés de instinto falemos sobre a pressão social, que acredita que a mulher só encontre a realização após gerar um filho. A autora coloca em questão se o desejo de filhos é a compensação de tudo que foi negado à mulher socialmente, afinal existe algo que é único da sua condição, isto é, poder gerar uma criança.

A transição para maternidade era vista como natural, ou seja, fase pertencente ao ciclo vital feminino. Um viés importante que pode interferir na decisão de filhos é o tempo biológico da mulher, que age como indicador do momento limite para reprodução. Assim, a escolha pela maternidade é atravessada pela construção profissional e as implicações para sua progressão, enfrentando as consequências de uma gestação tardia. Ainda muito presente na subjetividade feminina, o projeto de filhos pode estar vinculado ao desejo de transmissão geracional.

Nessa perspectiva, Zornig (2010) aponta que ter filhos mobiliza aspectos do narcisismo dos pais e coloca a criança como função “reparadora” das feridas narcísicas dos mesmos. Desse modo, a motivação por filhos vem atrelada à ideia de reparação de questões



primárias que poderão ser retificadas na relação mãe-bebê. Ainda considerando as contribuições da psicanálise, a criança pode representar para os pais, sonhos e realizações não alcançadas e a oportunidade de satisfação dos desejos adormecidos.

Assim sendo, a construção da imagem da mulher atual constitui um complexo interjogo de aspectos intrapsíquicos e intersubjetivos em constante transformação. Um fato transcultural desde o início da humanidade, é a figura da “mulher-mãe”, a junção de ambas as imagens passou a ser tão forte no imaginário coletivo, que por muito tempo não houve questionamento sobre essa realidade. A ideia social que toda mulher deve dar à luz se fundamenta, em parte, na relação entre a mulher e sua estrutura biológica, própria para reprodução (Donath, 2017). O interesse da medicina no corpo feminino começa quando ele passa a nutrir e gerar outra vida. Assim, o corpo útil à sociedade era aquele capaz de procriar e cumprir seu destino biológico (Del Priore, 2012). Portanto, uma vez que a capacidade da mulher de reprodução é considerada a essência da sua existência, tudo que envolve a maternidade converteu-se em uma característica da natureza feminina. Como direito conquistado através dos métodos contraceptivos, as mulheres puderam controlar a reprodução. E como ressalta Badinter (2011), houve uma revolução na forma de enxergar a maternidade, a qual destituída do seu grau de importância deixa de ser o “alfa e o ômega” da vida da mulher.

Dentre as inúmeras transformações que a mulher contemporânea tem vivenciado, a escolha pela não maternidade é uma delas. A liberdade sobre o próprio corpo passou a fazer parte da realidade feminina, juntamente com a realização em outras esferas da vida. O sim e o não para a maternidade tornaram-se opções concretas, possíveis de definir caminhos consonantes com os desejos subjetivos da mulher.

Todavia, cabe ressaltar que sair do aprisionamento do destino e ganhar a liberdade da escolha têm muitas consequências para as mulheres. Segundo Badinter (2011), as mulheres que não têm filhos são alvos de estereótipos negativos, e consideradas dignas de pena. As não mães vivenciam julgamentos e a pressão social, que as questionam pela rejeição do projeto materno. A autora ainda acrescenta que diante do cenário vivido pelas mulheres sem filhos, seria melhor falar sobre “dever”, ao invés de “desejo de filhos”. Para Donati (2003), não ter filhos é um distanciamento da norma, que tem como consequência a desaprovação social.

Contudo, as mulheres que não desejam a reprodução existem, e demandam ter voz e serem ouvidas no seu discurso. Embora os sentimentos em torno da recusa por ter filhos sejam complexos e ambivalentes, reconhecer o fenômeno da não maternidade e buscar compreendê-lo é uma forma de construirmos uma nova identidade feminina. Em razão do

advento da contracepção o mundo das mulheres se diversificou. “Não querer reconhecê-lo é cegueira” (Badinter, 2011, p.189). Logo, investigar as motivações referentes à não maternidade poderá trazer subsídios para a prática clínica com mulheres que se deparam com essa questão.

Diante deste cenário, consideram-se importantes investigações futuras que abarquem as diferenças culturais e sociais da realidade brasileira. Realçamos, então, a importância de se estudar desejo feminino de filhos na atualidade de forma circunscrita às características sociais vivenciadas pelas mulheres, considerando sua singularidade.

Dessa forma, o objetivo geral desta dissertação é investigar o desejo feminino de filhos na atualidade. Para atingir tal objetivo, a mesma será apresentada em dois artigos. O primeiro, intitulado “Mulher contemporânea: por que não ter filhos?”, pretende avaliar as motivações referentes à não maternidade. O segundo, intitulado “Eu quero ter filhos: um estudo sobre o desejo de maternidade” se propõe a avaliar as motivações para ter filhos.

## 2 Mulher contemporânea: por que não ter filhos?

### Resumo

O presente trabalho, parte de um estudo mais amplo sobre o desejo de filhos da mulher contemporânea, tem como objetivo investigar as motivações referentes à não maternidade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistadas dez mulheres com idades entre 33 e 40 anos, sem filhos, casadas ou em união estável há no mínimo dois anos, atuantes no mercado de trabalho. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Para atingir os objetivos formulados neste trabalho serão discutidas quatro categorias de análise: *renúncias e sacrifícios, infância e adolescência parentalizada, carreira, e legado materno*. Os resultados demonstram que as entrevistadas não optaram pelo projeto materno por priorizar um estilo de vida livre, sem as abdições que a maternidade demanda. Concluimos que a motivação para à não maternidade apresenta aspectos conscientes e inconscientes e perpassa a história familiar de cada mulher.

**Palavras-chave:** motivação; não maternidade; desejo; mulher contemporânea;feminino.

### Abstract

This paper, which is part of a broader study about the desire to have children among contemporary women, has the objective of investigating the motivations with respect to non-maternity. For this purpose, qualitative research was executed in which ten women were interviewed, all with ages between 33 and 40, no children, married or in stable unions for at least two years, and active in the work market. The results were analyzed according to the content analysis method in its categorial type. In order to attain the paper's objectives, four categories of analysis shall be discussed: *waivers and sacrifices, parentified childhood, career, and maternal legacy*. The results present a larger number of women who reject the maternal projects, for the choice of living a free life, without the abdications that maternity demands. We conclude that the motivation for non-maternity presents conscious and unconscious aspects and runs through each woman's family history.

**Keywords:** motivations; non-maternity; desire, women; feminine.

Por muito tempo, as mulheres precisavam se identificar com ideais de feminilidade que foram escritos e ditados por homens. Na antiga trama familiar, a autoridade soberana do pai prevalecia inquestionável pelos membros da família e pela sociedade (Caram, Travaglia, Melgaço & Meira, 2018). Por meio de movimentos coletivos e lutas políticas, houve uma transformação do lugar da mulher na família e na sociedade. Em meio a essas transições pelas quais passaram as mulheres, o anseio pela ascensão profissional se insere na construção de uma nova identidade. Ao relacionarmos o fenômeno da maternidade e a mulher contemporânea, observamos muitas mudanças. Anteriormente, devido aos aspectos biológicos, a maternidade foi considerada um destino obrigatório da condição feminina. A ativa ocupação da mulher no grupo familiar e na sociedade, e a gradativa entrada no mercado de trabalho resultaram na inserção da mulher no espaço público. Assim, a mulher passou a aspirar ao desenvolvimento da carreira e o poder e prestígio conquistados através do trabalho. Ocupando espaços distintos, a mulher teve que desempenhar duplos papéis, conciliando com as tarefas destinadas à esfera privada (Bruzamarello, Patias & Cenci, 2019). Segundo Braga, Miranda e Correio (2018), a inserção da mulher no mercado de trabalho e os avanços da medicina contribuíram para que ampliassem seu espaço na sociedade. Assim, tendo em vista o investimento no estudo e nas carreiras profissionais, o projeto de filhos tem sido constantemente adiado.

Com o advento dos métodos contraceptivos, as mulheres tiveram mais autonomia sobre seu corpo, desvinculando assim a relação sexual da reprodução (Fidelis e Mosmann, 2013). Nesse contexto, observa-se a ocorrência de um fenômeno, que segundo Badinter (2011) não é novo, porém é vivido de forma diferente na contemporaneidade; a não maternidade. Para se referir à realidade dessas mulheres, a autora usa o termo *childfree* (“livre de filhos”), que corresponde à vontade de não ter filhos. A decisão voluntária pela não reprodução é sustentada a partir da negação da identidade materna, ou seja, a escolha realizada é vivenciada através da rejeição de outra identidade. Desse modo, as mulheres passam a se reconhecer a partir de um lugar e não de outro (Fidelis e Mosmann, 2013). Entendemos que apesar da decisão por não ter filhos estar cada vez mais comum, ela envolve questões conscientes e inconscientes e pode ser vivenciada de forma ambivalente e conflitante. Tal fato se dá pela pressão exercida pela sociedade, a qual se recusar ser mãe ainda não é um caminho aceitável. Letherby (2002), em seu estudo sobre a não maternidade voluntária, aponta que as mulheres sem filhos são rotuladas como egoístas. Badinter (2011) relata que a maternidade como escolha foi uma conquista de uma época atual, porém, ainda assim, muitas mulheres não conseguem sustentar seu desejo de não ter filhos, permitindo que

o desejo de outros predomine sobre o seu. A autora ainda acrescenta que a antiga realidade das mulheres era diferente, uma vez que não encontravam outro destino para suas vidas que não fosse pela maternidade.

Desse modo, o crescente fenômeno da não maternidade leva a um questionamento; por que as mulheres rejeitam o projeto materno? Em uma sociedade pró-natalidade, que exalta o amor maternal, se distanciar da expectativa social pode ser um caminho bem solitário. Por outro lado, Badinter (2011) ressalta que em um contexto no qual o individualismo se estabelece como princípio, a escolha por ter filhos passa a ser uma contradição, pois se entende que ser mãe é dividir o seu corpo e vida com outro ser, estando suscetível até ao esmaecimento de si mesma. Ainda nessa perspectiva, Matias e Fontaine (2013) também apontam que a ideia da criança como interferência, no estilo de vida de liberdade e autonomia, é motivo para a recusa da maternidade.

Diante desse novo cenário, afirmar que todas as mulheres desejam a maternidade seria um erro, uma vez que o paradigma que atrelou a feminilidade à maternidade não é mais capaz de definir a identidade feminina. O desejo por ter filhos deixa de ser universal para ser pensado de forma singular, levando em consideração cada mulher de forma individual. Nesse caso, a maternidade se configura como mais uma via de investimento para as mulheres, e não como única via (Braga, Miranda & Correio, 2018).

Como assinala Rocha-Coutinho (2005), o número de filhos vem decrescendo, especialmente no contexto de mulheres de camadas médias e altas da população, o que para autora evidencia, em parte, que cada vez mais mulheres estão descobrindo outras vivências emocionantes e satisfatórias além da maternidade.

Compreendemos que o desejo de filhos pode apresentar diversos significados dependendo do contexto histórico e social em que a pessoa está inserida. As mulheres pertencentes a classes sociais menos favorecidas dispõem de poucas informações sobre métodos contraceptivos e pouco acesso a eles (Donath, 2017). De modo que não podemos desconsiderar, elementos culturais, econômicos, étnicos, e educacionais que interferem nas decisões reprodutivas de diferentes mulheres ao redor do mundo (Lima, 2013).

Portanto, a investigação acerca desta temática revela-se importante na atual conjuntura, na qual o desejo da construção de uma família biológica esbarra em uma nova realidade feminina repleta de outros projetos e ambições. Neste panorama, ainda existe um discurso social que condena e rotula a mulher que rompe com o modelo feminino tradicional. Segundo Silva e Frizzo (2014), a realidade de casais sem filhos ainda é ignorada por teóricos que estudam o ciclo vital. A literatura sobre desenvolvimento familiar parece desconsiderar

os indivíduos que não se incluem no que é esperado de uma “vida normal”, isto é, aqueles que não viveram a transição para conjugalidade ou parentalidade.

Desse modo, compreender as motivações referentes à não maternidade poderá trazer subsídios para a prática clínica com mulheres e casais que se deparam com essa questão, haja vista a carência de pesquisas nacionais e atuais abordando esse tema. Os profissionais precisam estar acompanhando as mudanças que ocorrem na sociedade e identificando as transformações com o propósito de evitar que os novos arranjos familiares permaneçam se comparando aos antigos modelos idealizados.

A partir de tais considerações, o presente estudo, que é parte de uma investigação mais ampla sobre o desejo feminino de filhos na atualidade, tem como objetivo investigar as motivações referentes à não maternidade.

## **2.1 Método**

### **Participantes**

Participaram do estudo dez mulheres pertencentes às camadas médias urbanas da população carioca e região metropolitana, com idades entre 33 e 40 anos, sem filhos, casadas ou em união estável há no mínimo 2 anos, atuantes no mercado de trabalho. Foram excluídas mulheres com problemas de infertilidade. Para a definição da idade das participantes tomou-se como base o período em que se acentua a preocupação com o declínio da fertilidade, que tem início nessa faixa etária, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado. Optou-se por estudar mulheres casadas, ou em união estável há no mínimo 2 anos, visto que a situação conjugal é um aspecto de grande influência nas decisões reprodutivas e o período escolhido se configura em um tempo mínimo para adaptação da relação. No que se refere à atuação no mercado de trabalho, compreendemos que a dedicação à carreira pode trazer dados relevantes às questões que pretendemos analisar. Cabe salientar que as entrevistadas se autodeclararam sem problemas de infertilidade, de modo que não houve nenhum exame comprovando tal afirmação. Para apresentação dos resultados foram atribuídos nomes fictícios para cada participante. A Tabela 1 apresenta a descrição do perfil das entrevistadas.

Tabela 1  
**Perfil das participantes**

<b>Participantes</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Tempo de casada</b>
Laura	36 anos	Comunicação Social/Jornalismo	6 anos
Gisele	33 anos	Empresária/Administração	2 anos
Glória	38 anos	Matemática	9 anos
Flávia	37 anos	Dentista	2 anos
Amanda	33 anos	Professora universitária/Jornalista	2 anos
Renata	39 anos	Professora/Pedagoga	10 anos
Luiza	33 anos	Publicitária	7 anos
Maria	34 anos	Professora de música/ cantora	2 anos
Bruna	37 anos	Psicóloga	4 anos
Verônica	40 anos	Advogada	12 anos

### **Instrumentos**

Foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro oculto semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões sobre os seguintes eixos temáticos: feminino, aspectos motivacionais referentes ao desejo de filhos, expectativas sociais, trabalho e maternidade, e família de origem. A ordem de emergência desses temas foi determinada pelo próprio fluxo da entrevista.

### **Procedimentos**

As participantes deste estudo foram selecionadas a partir da rede de conhecimento da pesquisadora, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas foram individuais e presenciais, agendadas por telefone, de acordo com a disponibilidade das participantes. As entrevistas foram realizadas em local determinado pelas participantes, e tiveram duração média de uma hora.

### Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade onde o estudo foi desenvolvido. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a utilização dos dados coletados para fins de pesquisa e publicação científica. Todas as informações têm caráter confidencial, mantendo-se em sigilo a identidade das entrevistadas.

### Análise dos resultados

Para a avaliação dos dados, as transcrições das entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo, na vertente categorial, tal como proposta por Bardin (2011). Das narrativas emergiram várias categorias de análise. Para atingir os objetivos propostos neste estudo serão apresentadas e discutidas quatro categorias de análise: *renúncias e sacrifícios, infância e adolescência parentalizada, carreira, e legado materno.*

## 2.2 Resultados e discussão

### *Renúncias e sacrifícios*

Os fenômenos sociais e culturais possibilitaram um novo panorama sobre a ideia de maternidade na sociedade atual. Em um contexto no qual a maternidade não é mais vista como único meio para a plenitude pessoal, o desejo de filhos pode se apresentar como obstáculo para as mulheres conquistarem outros objetivos.

*Eu acho que traria restrições para minha vida, de planos que eu tenho que eu acho que eu não gostaria de abrir mão e que eu acho que a maternidade me tiraria certas possibilidades. Eu acho que eu perderia, por exemplo, a oportunidade de estar fazendo uma pós agora. Há possibilidade de realizar projetos de viagens, projetos profissionais, eu acho que eu perderia muito se eu fosse mãe. (Bruna, 37 anos)*

*Não quero, porque eu não quero abrir mão da minha vida pra cuidar e fazer tudo que eu acabei de falar por um outro serumaninho. Nesse momento acho que minha vida me basta. O que eu tenho eu não gostaria de abrir mão, das saídas*



*que eu faço, porque nem sempre cabe uma criança. Eu gosto disso, eu gosto de sair sem ter hora pra voltar, eu gosto de sair pra praia e encontrar os amigos, e de lá emendar um bar, de lá ir pra outro lugar, sem ter ninguém pra me preocupar. Então são essas coisas que você precisa abrir mão, porque primeiro vem a criança por muito tempo e depois vem você. Pode parecer egoísmo...* (Laura, 36 anos)

*Isso de abrir mão das coisas de boa, de não ser uma coisa pesada, vou abrir mão disso porque eu tenho filho, para fazer isso pelos meus filhos. Hoje não sendo mãe eu fico, caraca não vou fazer isso não, mas eu sei que isso pode acontecer, o jogo pode virar em algum momento, não sei. (...) Quando eu penso que não dá pra eu ter essa coisa vitalícia, eu sou muito desgarrada, e cara, o filho é pra sempre, concurso público é pra sempre. Eu fico muito com medo, fico muito assustada, então eu não teria hoje em dia, quando eu falo que eu não teria, eu não teria por isso. (Maria, 34 anos)*

*Abriria mão do meu sono, ne? Do meu sono tranquilo. Não que a gente tenha o sono tranquilo hoje, a gente vive as preocupações normais, mas da minha paz. Eu vejo a minha mãe com o meu irmão, que tem a mesma idade quase que eu e até hoje ela liga e fala; ‘ah seu irmão fez isso’. E eu falo; ‘mãe sossega, ele já é um homem adulto’. E saber que pra sempre eu vou ter aquela coisa me atormentando na cabeça, de ter essa preocupação, mas essa coisa de você nunca mais ter a sua paz, eu acho que é isso. E isso pesa na minha decisão, e pra mim é a responsabilidade. Eu não quero essa responsabilidade. É extremante egoísta da minha parte falar isso, mas eu não quero isso. (Glória, 38 anos)*

Os relatos das entrevistadas associam a maternidade à abnegação e a perdas. Tais resultados corroboram o que é ressaltado por Bardinter (2011), quando afirma que as mulheres *childfree* não conseguem ver os benefícios da maternidade, mas apenas os aspectos de abnegação e sacrifícios.

Em consonância com os estudos de Hoffman e Hoffman (1973), percebeu-se pelas falas das entrevistadas uma falta de disponibilidade em vivenciar a maternidade, além dos prejuízos que ter filhos acarretaria para sua rotina, lazer e projetos futuros. Os autores ressaltam que os sacrifícios e privações necessários para se ter um filho influenciam no desejo

de fertilidade, uma vez que a criança é reconhecida como um “custo” para o genitor. Desse modo, Laura aponta a impossibilidade de incluir uma criança na sua agitada rotina, e questiona se estaria sendo egoísta por pensar dessa forma, assim como Glória que também faz alusão ao sentimento egoísta por estar priorizando a si mesma. As preocupações decorrentes dessa decisão vêm da ideia social de que as mulheres que se esquivam da responsabilidade materna são egoístas (Letherby, 2002).

Como destacado por Badinter (2011), a partir de um dilema hedonista, existe uma contradição entre a vivência da maternidade e os tempos modernos. Em consonância com o que foi ressaltado pela autora, nossas entrevistadas elegem o próprio bem-estar como prioridade, apontando que não estão dispostas a abrir mão das suas necessidades para atender as exigências da maternidade. Enquanto a realidade materna conduz a grandes mudanças de prioridades na vida da mulher, o discurso contemporâneo de “primeiro eu” se estabelece como princípio de uma modernidade líquida que é incompatível com a ideia de maternidade, pois o bebê ocupa um lugar central na vida da mãe. Podemos compreender que o peso atribuído à maternidade vai contra o desejo de “sentir-se livre”. Esse aspecto encontrado confirma o que é apresentado por Bauman (2001), quando ressalta que a sensação de liberdade é não vivenciar dificuldade ou impedimento nos projetos almejados. O autor aponta que a ausência de peso na vida do indivíduo contribui para mobilidade; quanto mais leves, mais agilmente caminhamos. A fala de Laura, quando ressalta que um filho lhe tiraria a agilidade e liberdade de ir de um lugar ao outro, ilustra o pensamento do filósofo. Os resultados de nosso estudo foram semelhantes aos encontrados na pesquisa de Badinter (2011) que apontaram que um dos motivos para não desejarem o projeto materno, diz respeito ao desejo em manter o estilo de vida livre.

Observamos no relato de Glória e Maria, que a preocupação e cuidado que uma criança necessita por um longo período e o compromisso vitalício com os filhos se configuram em uma motivação negativa para a maternidade, tal como mencionado nos estudos de Bauman (2001) sobre a sociedade contemporânea, pouco receptiva para objetivos e esforços a longo prazo.

### *Infância e adolescência parentalizada*

Sabemos que algumas funções parentais são insubstituíveis e que cabe aos pais a responsabilidade pelo cuidado dos filhos. Porém, nos casos narrados, os progenitores tiveram uma indisponibilidade em assumir alguns dos seus papéis e as crianças tiveram que se

encarregar dos mesmos. Essa categoria apresenta como as repercussões do processo de parentalização - no qual os filhos assumem as funções parentais- podem interferir na escolha de ter filhos.

*E que pesou pra eu não querer filhos foi que eu assumi muita responsabilidade muito nova, e na hora que eu dei aquela respirada mesmo, ufa, estou em uma situação confortável, aí vem um filho? Eu não desejo assumir uma responsabilidade dessa depois de tantos anos de responsabilidade que eu assumi, ninguém me colocou lá não. Eu podia ter fugido como fez minha irmã, ela tinha condições, então eu escolhi e assumi, beleza. Só que agora pensar, puxa, agora eu respiro, agora eu posso fazer o que eu quiser, agora eu posso viajar, e com filho a coisa mudaria. Isso pesa. Eu meio que fui colocada, na cabeça deles se você trabalha tem que ajudar em casa, mas passou a ser tudo, eu pagava tudo, água, gás, luz, tudo novinha e só eu.. Eu deixei de viver muitas coisas. Eu deixei de viver o que minhas amigas viviam, embora os meus pais não me proibissem de nada. (Renata, 39 anos)*

*Não sei, acho que isso pode ter ajudado eu não querer ter filho, porque muitas vezes eu trocava o lugar, invertia o lugar, tenho plena consciência disso, dessa inversão do lugar, de me sentir muito mais mãe e dando bronca porque foi para um lugar perigoso e acabou sendo assaltada. Acho que porque talvez a minha mãe por não ter um estudo maior ela me pediu muita ajuda em algumas coisas assim. Porque o estar atenta a questões de violência, por exemplo, minha mãe sempre foi muito distraída com as coisas. Eu já tinha uma idade para ficar em casa sozinha, eu assumi a responsabilidade da casa. Eu tinha que cuidar da casa, só não fazia comida porque ela ficava preocupada comigo, mas criança ainda eu fazia o rodízio com ela na barraca onde ela trabalhava, onde ela atende as coisas, às vezes eu ia para ela e ficava à tarde lá sozinha para ela fazer outra coisa. Eu acho que me colocou em contato com uma realidade cedo, de responsabilidade com as coisas do que a vida de adulto demanda e me colocou mais cedo. (Bruna, 37 anos)*

As falas, que apresentam a inversão dos papéis parentais ainda na infância, corroboram com o que foi ressaltado por Mello; Féres-Carneiro e Magalhães (2019) sobre o

fenômeno da parentalização, no qual o filho se encarrega das funções parentais de forma prematura, tendo seus processos de maturação acelerados. Na linha dessas considerações, podemos pensar em como a parentalização se relaciona com o desejo de não ter filhos, uma vez que as entrevistadas mostram como o excesso de responsabilidades na infância repercute nessa decisão.

Entendemos que as participantes podem ter uma recusa de investimento narcísico em um filho, uma vez que agora estão investindo exclusivamente em si. O resultado obtido vai ao encontro do que foi postulado por Brazelton, (1992), quando o autor ressalta que a perda prematura da posição infantil e os encargos assumidos na família de origem podem interferir no desejo de filhos. Isto ocorre por causa das exigências que a mulher passa a ter que atender com o nascimento de um filho, uma vez que são necessárias diversas adaptações, deslocamentos e alterações nos investimentos afetivos para que a criança passe a existir enquanto indivíduo. Desse modo, a necessidade de amadurecimento rápido para atender às funções parentais pode ter repercussões na vida adulta e na transição para maternidade.

Bruna declara ter consciência de ter ocupado o lugar materno de cuidado, principalmente relacionado ao suporte emocional, devido a uma inabilidade e imaturidade da mãe em cuidar de si. Tal perspectiva faz menção ao que Jurkovic (1997) nomeia como função emocional, constituinte da parentalização, que exerce maior sobrecarga e prejuízos para a criança, por assumir de forma precoce o papel parental. As narrativas elucidam bem o que Shover (2005) aponta como o esgotamento causado no sujeito, por desempenhar o papel de cuidador de outros familiares. O autor sinaliza que tais questões familiares atuam como motivações negativas para o desejo de filhos.

Apesar da reduzida produção teórica relacionando o fenômeno da parentalização à não maternidade, vimos a partir das falas que a necessidade de assumir competências adultas precocemente fez com que nossas entrevistadas rejeitassem os futuros encargos que a maternidade demanda. Assim, não podemos desconsiderar as repercussões da infância e adolescência parentalizada no desejo futuro de filhos, uma vez que o processo de inversão geracional tem consequências significativas para o universo infantil e desenvolvimento subjetivo do indivíduo (Mello; Féres-Carneiro & Magalhães, 2019).

### *Carreira*

A entrada da mulher no mercado de trabalho provocou transformações na imagem feminina e na sua forma de se relacionar com a maternidade. Tendo em vista o investimento

no estudo e nas carreiras profissionais, o projeto de filhos vem sendo cada vez mais questionado e adiado. Percebe-se pelos relatos que a profissão interferiu na decisão reprodutiva das entrevistadas, que absorvidas pelo trabalho, postergaram a maternidade.

*O trabalho, o trabalho, sempre o trabalho. Já estou casada há 12 anos, meu relacionamento tem 22 anos e logo assim que eu casei, eu tava me formando, não eu já estava formada e fui fazer minha pós, terminei e dali em diante eu já poderia ter tido. Demorou bastante até sair a promoção, mas a gente fica naquela expectativa e a gente vai adiando, adiando, adiando e eu adiei a vida toda. (Verônica, 40 anos)*

*Eu adiei pelas questões profissionais. Eu fiz especialização e agora estou na minha segunda especialização. A odontologia é uma profissão que a gente tem que se dedicar muito, é uma segunda casa que a gente tem quando a gente tem consultório e existem outros problemas que envolvem isso, fora a crise que o país tá. Minha profissão está em crise também, mas eu não me vejo abrindo mão de tudo de jeito nenhum, nem é só o financeiro que pesa, e tudo que eu estudei e as noites em claro? E o amor que eu também sinto pela minha profissão, eu não posso abrir mão disso. (Flávia, 37 anos)*

*Eu acho que já vivi situações em que a possibilidade de ser mãe atrapalhou na carreira, por exemplo, eu fui convidada para fazer entrevista duas vezes, dois momentos diferentes. Uma há dois anos atrás e uma há um ano atrás. E nas duas me fizeram uma pergunta, tipo você está casada há tanto tempo e você não tem filhos, e aí você vai querer ter filhos? E eu sei que isso é um impedimento. Eu falei; olha eu vou querer ter filhos, eu posso adiar um pouco, não sei quando eu vou ter, posso adiar por conta de uma mudança de empresa, mas eu quero. E eu sei que isso foi um ponto negativo, não sei se foi o motivo de eu não ter passado. (Luiza, 33 anos)*

A investigação realizada por Bernardi; Féres-Carneiro e Magalhães (2018) mostrou resultados semelhantes, ao apontar o adiamento do projeto parental como uma alternativa adotada pelo casal, para atender às necessidades profissionais e pessoais da contemporaneidade. As narrativas também confirmam o que foi evidenciado por

Bruzamarello, Patias, e Cenci (2019), sobre um número cada vez maior de mulheres priorizando o desenvolvimento do estudo e profissão em detrimento da maternidade, principalmente nas camadas médias e altas da população.

Ainda nessa perspectiva, a vivência da Luiza chamou atenção, uma vez que a maternidade se apresenta como obstáculo, já na entrevista de emprego. O mesmo dado foi obtido por Blair-Loy, Rogers, Glaser, Wong, Abraham e Cosman, (2017) sobre a diferença das entrevistas de emprego, comparando os gêneros masculino e feminino. A narrativa de Luiza mostrou, assim como os resultados dos pesquisadores, que as candidatas recebem questionamentos mais frequentes sobre maternidade e muitas empresas argumentam que precisam saber se as mulheres têm intenção de engravidar para avaliar a disponibilidade e período de licença.

Ao contrário do que apontam alguns estudos (Rocha-Coutinho, 2011; Badinter 2011) sobre a interferência negativa da carreira no projeto materno, algumas entrevistadas não relacionam a profissão como motivo para a ausência de filhos.

*Então não na minha empresa, não aonde eu trabalho. Eu acho que eu nunca deixei de pensar, a não posso engravidar agora por causa do trabalho. Eu acho que, eu vejo tantos exemplos nesse lá, a minha empresa tem 60% de mulheres então é muito comum. Na minha área eu acho que são 90% de mulheres, só eu e as mais novinhas que não tem filho, então eu acho que é tão natural, tão comum, acho que é super conciliável. (Luiza, 33 anos)*

*Não, não acho que foi o trabalho. A gente está junto há 13 anos, eu e meu marido, mas nos últimos 6 anos que a gente mora junto efetivamente, mas até um tempo antes disso a gente terminou e voltou muitas vezes. Entrei em uma nova fase e queria viver aquilo, morar com ele, viajar com ele, ter a minha casa. Não sei o que tem a ver com o quê, mas o trabalho nunca me preocupou em relação a isso. Eu acho que me preocupava mais a questão do relacionamento do que do trabalho. (Laura, 36 anos)*

*Não, não mesmo. Por que o que acontece, eu saí em 2017 da minha empresa, da empresa que eu trabalhava em 2018, então não eram os meus planos ter em 2018. Eu acho que assim, o que eu quis abrir a minha empresa para facilitar e ter*

*a facilidade em ter os dois juntos então não, em nenhum momento o trabalho atrapalhou. (Gisele, 33 anos)*

Embora valorizem o investimento profissional, as entrevistadas acreditam que seria possível conciliar maternidade e carreira, caso desejassem. Ao contrário do estudo realizado por Rocha-Coutinho (2011), sobre o fenômeno “volta ao lar”, as entrevistadas do nosso estudo não pensam em abrir mão da carreira profissional para atender às demandas da maternidade. Porém, também encontramos semelhanças com os resultados da pesquisadora, pois inicialmente algumas mulheres não pretendiam interromper a carreira e imaginavam organizar esse momento com o suporte de familiares e cuidadores. Assim como nossas participantes que planejam recorrer à forma de conciliar ambos, para não se afastarem da carreira. Esse fato nos faz pensar que apesar da ideia inicial se ajustar trabalho e maternidade, isso na prática pode ser muito difícil e conflituoso para a mãe, que é a mais sobrecarregada dos cuidados com o bebê. Equilibrar as duas funções pode gerar tamanha tensão emocional e física e um sentimento de culpa de não atender com primor alguma dessas esferas (Rocha-Coutinho, 2011).

*Não é fácil. Como eu te falei, eu acho que eu não abriria mão totalmente. Eu iria reduzir um pouco a minha carga horária, pelo menos nesses três primeiros anos, que eu considero, por tudo que eu já li, estudei, que são anos importantes. Eu acredito assim, se e trabalhasse duas vezes na semana já me ajudaria, os outros dias eu iria administrando. Eu teria que largar, por exemplo, o consultório e ficar com outro. É uma forma de conciliar, porque eu tenho dois plantões na semana que são quinta e sexta e os outros dias eu iria conciliar, mas eu não me vejo abrindo mão de tudo de jeito nenhum. (Flávia, 37 anos)*

*Porque como eu dou aula, eu acho que engravidando eu automaticamente teria que largar um dos dois empregos, por mais que eu dê aula poucos dias na semana, te demanda preparar aula, te demanda corrigir trabalho, corrigir prova, até mesmo ir pra faculdade dar aula. Eu acho que eu teria que escolher por um ou outro, pra poder estar mais presente em casa. (...) Hoje eu tenho uma sogra que não trabalha e é hiper, mega, super disponível. Porque trabalhando e com uma criança, acho que é mais difícil. (Amanda, 33 anos)*

As falas de Flávia e Amanda corroboram os resultados da pesquisa de Braga, Araújo e Maciel (2019), que aponta a manutenção da dupla jornada de trabalho feminino. Os autores explicam como as responsabilidades com a família acontecem simultaneamente com os encargos profissionais. Assim, como consequência, as mulheres que têm possibilidade, modificam os horários de trabalho, reduzem as demandas para priorizar os cuidados com os filhos e a família.

### *Legado materno*

Ter um filho evoca experiências do próprio passado com os progenitores, uma vez que o desejo de maternidade reatualiza as fantasias infantis e as vivências com o cuidador primário. Desse modo, a escolha por ter filhos não pode estar isenta da influência do vínculo inicial entre mãe e filha, visto que a relação entre ambas é repleta de ambivalência e conflitos.

*O porquê de não ter? Porque eu acho que eu não me encaixo nesse ideal que eu tenho de maternidade. É, por questões muito por isso, porque não me encaixo o ideal da paciência, dessa devoção, de se estar para o outro, desse viver para o outro, que eu acabo entendendo que isso é uma vivência para o outro, acho que talvez por ter visto a minha mãe se anular muito. Eu acho que o que eu vi a minha mãe perder com a maternidade me fez não querer ter filhos, isso eu tenho muito claro. (Bruna, 37 anos)*

*Peso pela resposta que é de ser igual a minha mãe foi, de ser igual a minha mãe é na verdade. Então acho que nesse sentido de peso, não que a criança fosse um peso, mas se eu faço essa comparação de ser uma mãe igual a ela, acaba que eu tenho essa resposta de transmitir o que ela fez, o que ela faz. Então quando eu penso assim, caraca e se eu não for mãe igual a minha mãe eu vou ficar meio frustrada. Então eu prefiro não ser, porque eu não quero dar conta de tudo isso que ela deu conta, eu fico um pouco assustada. (Maria, 34 anos)*



*Minha mãe era dura, muito dura, se precisar dar castigo e apanhar, a gente apanhava do que fosse, mas eu vejo também que eu era bem levada e eu tenho uma personalidade muito forte, de repente foi a maneira que foi ensinado para ela de corrigir. Não era uma relação muito amigável, eu fui aprender a ser amiga dela depois de muito adulta, de entender, de perdoar. Ela abriu mão três vezes de trabalhar. Tentou fazer primeiro técnico de enfermagem, e meu pai falou; ‘o que você ganha não compensa a falta que você faz em casa, então volta pra casa.’. Se eu fosse pensar no que minha mãe passou, eu não ia querer ser mãe. (Flávia, 37 anos)*

Esses resultados são consistentes com a pesquisa de Lima (2013), pois, percebemos por meio da fala de Flávia que o relacionamento com uma mãe hostil, distante ou demasiadamente envolvida pode contribuir para o desapontamento com a maternidade. Observamos nos relato de Bruna que ver a mãe abrir mão da carreira e de outras realizações pela família causou um impacto na decisão de não ter filhos. O mesmo foi observado no estudo de Safer (1996), que aponta que filhas, que perceberam os projetos interrompidos e frustrações das mães por causa da maternidade, podem temer repetir aquele destino com tantas abdições. Essa perspectiva também corresponde ao estudo de Badinter (2011) em que as mulheres justificam a recusa de filhos pela experiência frustrante das próprias genitoras em relação à maternidade.

Outro aspecto destacado pelas participantes é a insegurança de não corresponder de forma exemplar à maternidade como suas mães a exerceram. Esses resultados corroboram mais uma vez aqueles da pesquisa de Safer (1996), que ressaltam que a idealização da figura materna concebida como inalcançável pode causar insegurança no momento em que a filha vai exercer a maternidade. De acordo com o apresentado pelas entrevistadas, as mães transmitem um legado emocional para as filhas, e a herança recebida influencia em como vão compreender a maternidade.

### **2.3 Considerações Finais**

Na presente pesquisa, seis das dez participantes declararam não desejarem ter filhos, para a nossa surpresa, já que a maternidade sempre foi considerada um pilar fundamental da identidade feminina.

Outro aspecto inesperado dos resultados encontrados foi a carreira profissional não ser apontada como relevante impedimento para maternidade. Observamos que o trabalho é valorizado pelas entrevistadas como um caminho para independência financeira e realização de outros desejos, como viajar, conquistar bens materiais e viver confortavelmente. A crença no conflito existente entre maternidade e trabalho sinaliza que um dos motivos para não ter filhos esteja no desejo de ascensão profissional. Porém, algumas participantes demonstram que apesar do difícil equilíbrio entre maternidade e trabalho, existem estratégias para que isso seja feito sem muitos prejuízos. Tal resultado leva à reflexão de que o imaginário coletivo considera como duas principais vias de realização para a mulher a maternidade e o percurso profissional.

Neste viés, um ponto que também apresentou ter influência na decisão de não ter filhos foram as consequências da maternidade para liberdade individual das entrevistadas. Compreendemos que para essas mulheres dar a vida implica em perder a própria vida, uma vez que teriam que abdicar até de si mesmas, em prol do cuidado com outro.

Outra questão igualmente importante que emergiu em várias entrevistas foi a díade mãe e filha interferindo na motivação para não ter filhos. A ideia de maternidade pode ser construída a partir das identificações com a mãe, das vivências infantis com a figura materna, assim como da qualidade dos cuidados que as mulheres receberam quando criança. Em relação às entrevistadas, a memória da vivência da maternidade da mãe, repleta de abdições, assim como as renúncias profissionais que suas mães fizeram para cuidar dos filhos, se apresentaram como aspecto negativo para a maternidade.

A partir dos resultados, pudemos observar que o processo de parentalização também se relaciona com o desejo de não ter filhos, devido ao excesso de responsabilidades atribuídas às mulheres na infância. Constatamos, desse modo, a necessidade de maior reflexão sobre essa temática, uma vez que existe uma escassez teórica relacionando parentalização e à não maternidade.

Contudo, ao mesmo tempo em que as entrevistadas defendem a escolha pela não maternidade, elas demonstram emoções contraditórias e enunciam falas ambivalentes. Compreendemos que essas declarações flutuantes são consequências de uma sociedade pró-natalidade, na qual se recusar ter filhos ainda não é aceitável. Não obstante, mesmo quando as mulheres conseguem expressar a falta de desejo pela reprodução, elas se confrontam com o peso da própria escolha, avaliam a possibilidade de arrependimento, se questionam se estão sendo egoístas, apontando insegurança em relação à decisão tomada. Entendemos que o desejo não é linear e pode ser ambivalente, de modo que algumas mulheres ao longo do tempo

desistiram do projeto de filhos, outras nunca os quiseram. Percebemos nas falas que era um dilema genuíno, nada simplista, revisado e analisado periodicamente por elas, à medida em que situações e questionamentos colocavam o assunto em evidência. Apesar de manifestarem o desejo pela não maternidade, são muitos os fatores que agem em direção à reprodução. Nesse viés, a ambivalência presente no discurso das entrevistadas demonstra a presença de sentimentos contraditórios e intensos que fazem parte de um complexo interjogo entre ameaças de arrependimento futuro e a ausência de desejo em relação à maternidade. Como um processo lento e não inteiramente consciente, a decisão por não ter filhos causa sentimentos e dúvidas por envolver um elemento tão central da identidade feminina. A maternidade é tão atrelada à noção de feminilidade, que reorganizar esse novo conceito de subjetividade feminina leva tempo.

Sendo assim, cabe destacar que os motivos referentes à não maternidade são multifacetados e subjetivos, e permeiam questões conscientes e inconscientes. Embora algumas participantes tenham verbalizado pontos que as fizeram optar por não ter filhos, sabemos da complexidade dessa escolha.

Por fim, o trabalho permitiu pensarmos sobre o imaginário social que garante que a mulher contemporânea possui a liberdade de escolher ser mãe ou não. Porém, o mesmo discurso que legitima, aprisiona a mulher, que decide não ter filhos, em estereótipos. A sensação de liberdade está ligada a uma rede complexa de controle do indivíduo, isto é, existe a estratégia de proporcionar à mulher a sensação de autonomia, porém, enredada em um contexto que escolhe por ela. Nesse sentido, a mulher acredita que rompeu com antigos grilhões e realidades, mas muitas vezes reproduz a postura que a sociedade espera dela. E a essência dessa contradição se encontra nos mecanismos usados pelas "novas autoridades" (famílias, médicos, governantes) em camuflar o cumprimento das normas sociais em um desejo do outro. Assim, embora mais mulheres passem a decidir não se tornarem mães, a expectativa social ainda é de que a maioria faça a "escolha correta"; pela reprodução.

Cabe salientar a limitação teórica deste estudo, na medida em que foi encontrada uma carência de pesquisas nacionais atuais abordando as motivações referentes à não maternidade. A pouca literatura encontrada evidencia a importância da produção científica acerca desta temática. Muitas entrevistadas se descreviam solitárias e incompreendidas ao trilhar o caminho da não maternidade. Por esta razão, o aprofundamento de estudos sobre esse assunto dando voz a essas mulheres para que possam expressar a complexidade dessa decisão, permitirá um novo olhar sobre a maternidade e a identidade feminina. Entendemos que o

melhor legado não biológico que mulheres sem filhos podem oferecer é a transmissão de uma nova construção de feminilidade.

### 3. Eu quero ter filhos: um estudo sobre o desejo de maternidade

#### Resumo

O presente estudo, parte de uma pesquisa mais ampla sobre o desejo feminino de filhos na atualidade, tem como objetivo investigar as motivações para ter filhos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistadas dez mulheres com idades entre 33 e 40 anos, sem filhos, casadas ou em união estável há no mínimo dois anos, atuantes no mercado de trabalho. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Para atingir os objetivos formulados neste estudo, serão discutidas três categorias de análise: *continuidade da família*, *promessa de um amor incondicional*, e *pressão biológica*. Os resultados indicaram que o desejo de continuidade da família influencia na decisão pela reprodução. Reconhecendo a complexidade do tema, concluímos que o desejo de ter filhos permanece na mulher contemporânea, e que as motivações apresentam aspectos conscientes e inconscientes.

**Palavras-chave:** motivação, maternidade, desejo de filhos, mulher.

#### Abstract

This paper, which is part of a broader study about the desire the feminine desire for having kids in the modern day, has the objective of investigating the motivations for having children. For this purpose, qualitative research was executed in which ten women were interviewed, all with ages between 33 and 40, no children, married or in stable unions for at least two years, and active in the work market. The results were analyzed according to the content analysis method in its categorial type. In order to attain the paper's objectives, tree categories of analysis shall be discussed: *continuity of the family*, *promise of unconditional love*, and *biological pressure*. The results present that the desire for the continuity of the family influences in the decision for reproduction. Recognizing the theme complexity, we concluded that the desire to have children still in the contemporary women, and the motivations show conscious and unconscious aspects.

**Keywords:** motivations; maternity; desire for children, women; woman.

Na antiga trama familiar os casamentos eram realizados por conveniência das famílias, visando aos benefícios econômicos, e alianças políticas, desvalorizando a afetividade e o amor conjugal como manutenção da união. Entretanto o casamento arranjado deixou de ser hegemônico, surgindo novas formas de vínculos amorosos recíprocos (Lima, 2013). No final do século XVIII, a figura da criança, começa a ocupar um papel central na família e no imaginário social. O surgimento do Malthusianismo inaugurou um discurso econômico que refletiu a importância da população e do valor da criança para o país (Ariès, 1978). Uma vez que, a criança assume o lugar de destaque na família, a figura materna passa a ser reconhecida e também responsabilizada (Badinter, 2011). Desse modo, a exaltação do amor materno ganha força no final do século XVIII, sendo legitimada pelo discurso de autoridades, como políticos, filósofos e médicos (Lima, 2013).

Segundo Donath (2017), o amor maternal se caracteriza por uma forma de opressão, já que ele dita o que as mães devem sentir e expressar em relação aos filhos. Nessa perspectiva, Badinter (1985) reduz o amor materno a um sentimento suscetível às variantes externas e internas, que pode ser resistente ou frágil, existir ou não existir.

A ideia da maternidade como dom natural é propagada culturalmente, e internalizada pela menina desde a tenra infância. Por sua condição biológica, a mulher estava associada à mãe, como destino inevitável. Patias e Buaes (2012) ressaltam que a construção da identidade feminina foi engendrada pelas diferenças entre os sexos. De modo que, a figura da mulher permaneceu reduzida à família e domesticada para que seus anseios não fossem de encontro à expectativa social. Nesse sentido, ao pensarmos a construção da subjetividade da mulher, não podemos deixar de considerar o disciplinamento do corpo feminino. Isto é, o corpo como produto da história, manipulado, doutrinado e moldado conforme os padrões vigentes de cada período. Sardenberg (2002) reflete sobre o “tornar-se mulher” através de rituais cotidianos, práticas estéticas e comportamentais que fomentam o imaginário social do que é feminilidade.

Contudo, ao relacionarmos o fenômeno da maternidade e a mulher contemporânea, observamos muitas mudanças comparadas ao passado. O deslocamento da mulher de “objeto” para “sujeito do discurso” se fez possível por meio de movimentos sociais que legitimaram os desejos femininos e autorizaram as mulheres a construir a própria imagem.

Em meio a essas transições pelas quais passaram as mulheres, o anseio pela ascensão profissional se insere na construção de uma nova identidade. A mulher passou a aspirar ao desenvolvimento da carreira e ao poder e prestígio conquistados através do trabalho, exercendo uma pluralidade de papéis e adquirindo autonomia dentro e fora do lar (Lopes; Dellazzana-zanon,; Boeckel, 2014). Desse modo, as funções da mulher na contemporaneidade

vão além do exercício da maternidade; muitas assumem cargos políticos, demandas profissionais e participam ativamente da renda familiar. Muitas vezes, as mulheres são as únicas responsáveis pela manutenção da casa, principalmente em configurações monoparentais, nas quais são consideradas “chefes” de família (Albertuni & Stengel, 2016). Porém, relacionando trabalho e questões de gênero, percebemos que ainda existem sutilezas que colocam a posição das mulheres como desigual à dos homens, consequências dos estereótipos de gênero que intensificam a imagem de que ambos foram criados para funções distintas (Rocha-Coutinho, 2015).

Com o surgimento da pílula e os avanços dos métodos contraceptivos, as mulheres conquistaram autonomia sobre a própria sexualidade. Como consequência pôde-se desvincular reprodução e sexualidade, oferecendo às mulheres a escolha por ter filhos e quando os tê-los (Fidelis e Mosmann, 2013). Com o adiamento da maternidade para investir em outras metas, as mulheres contemporâneas têm engravidado cada vez mais tarde. Como consequência das transformações do comportamento reprodutivo houve uma maior preocupação das mulheres com os riscos da maternidade tardia. Em declínio, as taxas de fertilidade diminuem 20% depois dos 30 anos, aos 35 caem 50% e aos 40 anos têm uma drástica queda de 95% (Hewlett, 2008). Assim, a maioria dos países industrializados, onde acontece o fenômeno do adiamento da maternidade, vêm investindo em técnicas de reprodução assistida e congelamento de óvulos (Lima, 2013).

Nessa perspectiva, fez-se possível o esfacelamento do laço, até então indissolúvel, entre feminino e maternidade. Badinter (2011) postula que a partir do período em que as mulheres se inseriram no mercado de trabalho, controlaram a reprodução e investiram nos estudos, a maternidade deixou de ser uma evidência natural para se tornar um problema.

Contudo, o cenário descrito leva a um paradoxo e um questionamento atual. Por que as mulheres contemporâneas querem ter filhos? Quais são as motivações para a reprodução, uma vez que a maternidade vem deixando de ser um pilar fundamental da identidade feminina? Segundo Bernardi (2018) o projeto de filhos ainda é escolhido por grande parte dos casais, mesmo que postergado.

Compreendemos que as motivações para ter filhos são complexas e apresentam aspectos conscientes e inconscientes da subjetividade feminina. Brazelton e Cramer (1992) acreditam que o desejo de filhos da mulher é sustentado por diversos motivos e impulsos, de modo que seria impossível listar cada um, sem considerar cada mulher individualmente. Ainda assim, os autores apontam que um dos motivos para optar pelo projeto materno é a “identificação”. Os autores explicam que na medida em que as mulheres na infância

receberam um cuidado primário, tendem a reproduzir o cuidado materno, se comportando semelhantemente às figuras maternas do meio em que vivem. Nesse viés, os autores aludem outro aspecto motivacional para reprodução; a fantasia de imortalidade, na qual a criança representa a promessa de continuidade da mãe. Por conseguinte, Badinter (2011) afirma que por muito tempo a escolha pela reprodução foi realizada para “garantir” o prolongamento da espécie e continuidade da família. Uma pesquisa realizada na França, sobre motivações para reprodução, apontou o desejo de transmissão de valores e perpetuação da família como um ponto que influencia o projeto de filhos (TNS Sofres, 2009).

Portanto, a investigação acerca desta temática torna-se relevante no contexto atual, no qual a mulher vivencia um processo de ruptura com antigas convicções e verdades absolutas. Além disso, pesquisar as motivações para ter filhos contribui para a compreensão sobre a tomada de decisão da mulher pela maternidade como uma escolha, entre tantas. É importante também entender como esse momento que antecede a reprodução vai interferir na vivência de maternidade. Ao reconhecer a maternidade como um caminho, as mulheres podem se permitir trilhá-lo, e até mesmo repensar se querem segui-lo. Cabe salientar o caráter singular da vivência de cada mulher, de modo que não podemos desconsiderar elementos culturais, econômicos, étnicos e educacionais que interferem nas decisões reprodutivas de diferentes mulheres ao redor do mundo (Lima, 2013). Uma maior compreensão sobre essas questões poderá trazer subsídios para a prática clínica com mulheres e casais que se deparam com este tema, haja vista a carência de pesquisas nacionais atuais abordando o mesmo. A partir de tais considerações, o presente estudo, que é parte de uma investigação mais ampla sobre o desejo feminino de filhos na atualidade, tem como objetivo investigar as motivações para ter filhos.

### **3.1 Método**

#### **Participantes**

Participaram do estudo dez mulheres pertencentes às camadas médias urbanas da população carioca e região metropolitana, com idades entre 33 e 40 anos, sem filhos, casadas ou em união estável há no mínimo dois anos, atuantes no mercado de trabalho. Foram excluídas mulheres com problemas de infertilidade. Para a definição da idade das participantes tomou-se como base o período em que se acentua a preocupação com o declínio da fertilidade, que tem início nessa faixa etária, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado. Optou-se por estudar mulheres casadas, ou em união estável há no mínimo 2 anos, visto que a situação conjugal é um aspecto de grande influência nas decisões reprodutivas e o



período escolhido se configura em um tempo mínimo para adaptação da relação. No que se refere à atuação no mercado de trabalho, compreendemos que a dedicação à carreira pode trazer dados relevantes às questões que pretendemos analisar. Cabe salientar que as entrevistadas se autodeclararam sem problemas de infertilidade, de modo que não houve nenhum exame comprovando tal afirmação. Para apresentação dos resultados foram atribuídos nomes fictícios a cada participante. A Tabela 1 apresenta a descrição do perfil das entrevistadas.

Tabela 1.

### Perfil das participantes

<b>Participantes</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Tempo de casada</b>
Laura	36 anos	Comunicação Social/Jornalismo	6 anos
Gisele	33 anos	Empresária/Administração	2 anos
Glória	38 anos	Matemática	9 anos
Flávia	37 anos	Dentista	2 anos
Amanda	33 anos	Professora universitária/Jornalista	2 anos
Renata	39 anos	Professora/Pedagoga	10 anos
Luiza	33 anos	Publicitária	7 anos
Maria	34 anos	Professora de música/cantora	2 anos
Bruna	37 anos	Psicóloga	4 anos
Verônica	40 anos	Advogada	12 anos

### Instrumentos

Foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro oculto semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões sobre os seguintes eixos temáticos: feminino, aspectos motivacionais referentes ao desejo de filhos, expectativas sociais, trabalho e maternidade, e família de origem. A ordem de emergência desses temas foi determinada pelo próprio fluxo da entrevista.

## Procedimentos

As participantes deste estudo foram selecionadas a partir da rede de conhecimento da pesquisadora, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas foram individuais e presenciais, agendadas por telefone, de acordo com a disponibilidade das participantes. As entrevistas foram realizadas em local determinado pelas participantes, e tiveram duração média de uma hora.

## Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade onde o estudo foi desenvolvido. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a utilização dos dados coletados para fins de pesquisa e publicação científica. Todas as informações têm caráter confidencial, mantendo-se em sigilo a identidade das entrevistadas.

## Análise dos resultados

Para a avaliação dos dados, as transcrições das entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo, na vertente categorial, tal como proposta por Bardin (2011). Das narrativas emergiram várias categorias de análise. Para atingir o objetivo proposto neste estudo serão apresentadas e discutidas três categorias de análise: *continuidade da família*, *promessa de um amor incondicional*, e *pressão biológica*.

## 3.2 Resultados e discussão

### *Continuidade da família*

A escolha pelo projeto parental é um processo complexo, nem sempre claro e consciente. Diversos aspectos fomentam o desejo de ter filhos, entre eles a vontade por perpetuar a família, relatada por algumas entrevistadas.

*Houve, houve uma conversa. A conversa ela existiu, mas antes dos irmãos dele (marido) terem filhos nós conversávamos sobre perpetuar a espécie, a família. Eu tinha a mesma preocupação porque minha mãe já transmitia que a nossa família já era grande e foi diminuindo porque os filhos não tiveram filhos, ela teve dois, o outro teve um e o outro não teve e minha família ia acabar. Então assim, a*

*conversa rolou mais ou menos nesse período onde tinha essa incerteza de perpetuar a família, de dar continuidade à família, mas agora já está mais tranquilo, porque os outros dois já tiveram filhos. E da minha parte, depois que meu sobrinho nasceu aliviou essa questão, acho que era mais uma pressão da minha mãe de ver também que a família não vai morrer. (Glória, 38 anos)*

*(...) Ao mesmo tempo eu penso nisso também, essa coisa do sangue do seu sangue para sempre, ao mesmo tempo eu penso nessa coisa de você, da sua família continuar, se você não tem filho isso vai acabando. Eu sempre tive uma casa com vários primos, com vários tios e cada vez mais isso vai diminuindo. Sou só eu e meu irmão, e meu irmão também não pensa em ter, então o que vai acontecer com essa família? Eu penso muito nisso, eu acho a minha família muito bacana e não vai ter mais ninguém. (Maria, 34 anos)*

*Eu amo minha sobrinha, eu vi ela nascer e isso pra mim foi uma emoção muito grande. Eu não sei te dizer se há um amor, não sei te explicar o que me motiva, é mais um desejo interno de dar continuidade a minha família, de poder ver o espelho de alguém parecido comigo em algumas coisas, poder criar alguém legal pro mundo, trazer alguém legal. Eu acho que tem adiado porque, por conta de outros anseios, de querer passear, mas quero dar continuidade à família. Eu tenho vontade não por ser cobrada não, mas por vontade mesmo de amor, aquela coisa, eu caio de amores pela minha sobrinha, ela tem o dedinho torto igual ao meu e eu fico louca. Ai que linda ela tem uma coisa minha! (Flávia, 37 anos)*

Percebe-se pelos relatos que o medo de a família ter um fim se configura em motivação para maternidade. Tais resultados confirmam aquele encontrado por Bydlowski (2000), ao apontar que a motivação para o projeto parental pode representar um desejo consciente de continuidade da espécie. Assim como corroboram o que é postulado por Badinter (2011), em sua pesquisa sobre a maternidade, quando relata que a reprodução era vivenciada pela mulher como um dever para com a sobrevivência da família.

Percebemos nas falas que a preocupação se inscreve na fantasia das participantes sobre o fim das gerações. Tal resultado confirma o que foi observado por Safer (1996), quando afirma que realizar um testamento sem herdeiros faz parte de uma experiência angustiante

vivida pela mulher sem filhos. A não continuidade genética é uma consequência da ausência de filhos, pois, não haverá ninguém para carregar seu nome, nem seus sonhos. O projeto parental oferece a ilusão de posterioridade, de transmissão de legados, pois mesmo com a finitude imposta pela morte, uma parte dos pais continua vivendo nos filhos.

Nessa perspectiva, Flávia fala da satisfação de gerar alguém semelhante a si mesma, mantendo a continuidade da sua existência e se reconhecendo na imagem da criança. Tal fenômeno descrito pela entrevistada é explicado por Brazelton e Cramer<sup>15</sup> (1992) como desejo subjetivo de se “auto-duplicar”, e o anseio pela imagem especular. Isso ocorre devido aos aspectos narcisistas da mãe que busca na maternidade manter a imagem idealizada de si mesma, e um sentimento de onipotência. Sendo assim, a criança representa a personificação dos valores familiares e o elo que vincula os pais e seus ancestrais, representando uma promessa de imortalidade da identidade familiar. Por meio da maternidade, as mulheres pagam sua dívida simbólica com a natureza ao gerar uma vida, além de cumprir o dever de transmissão às gerações futuras (Donath, 2017).

Por meio dos relatos das participantes notamos que elas se colocam como as principais responsáveis pela continuidade da família. Isso acontece porque o discurso social atribui o dever de sobrevivência da espécie à mulher, tendo como sustento biológico a diferença anatômica entre homens e mulheres (Badinter, 2011). A partir de uma perspectiva útero-centrista, o desejo de filho e a decisão por tê-los pertencem ao campo desejante feminino.

### *Promessa de um amor incondicional*

A ideia de que a maternidade vai gerar infinitas possibilidades permeia o imaginário de muitas mulheres que desejam ser mães. Junto com os filhos vêm à promessa de um amor incondicional que supera e suporta todas as adversidades.

*Ai cara, eu acho que é uma coisa tão natural, eu não sei. Vamos lá! Eu tenho uma referência de uma mãe e eu sei que eu sou muito diferente da minha mãe, mas eu também queria sentir que eu também fosse referência pra alguém. Esse amor incondicional que minha mãe sente por mim, e eu sinto por ela, eu também queria sentir. Hoje eu amo muito meu marido, eu amo muito, tem um monte de pessoas queridas pra mim, mas eu acho que dificilmente um amor é tão*

*incondicional, fazer qualquer coisa pela pessoa. Eu também, não sei, eu fico muito pensando como que seria um filho, acho que é uma motivação extra, a gente faz tanta coisa na vida. Eu trabalho tanto, me esforço tanto pra tanta coisa, pra ter uma casa legal, pra ter uma vida que eu acho que uma motivação é essa. Eu acho que a vida ganha um sentido novo, mas pelo tudo que eu vejo e ouço, tudo que eu tenho de referência da minha mãe, é algo que eu queria viver, é uma experiência que eu queria viver. (...) Eu sei que tem algo muito cultural que influencia esse pensamento das mulheres, mas eu penso que eu me sentiria mais completa. (Luiza, 33 anos)*

*(...) Eu acho um certo desperdício, você nunca vai saber o que é ter gerado um ser humano, nunca vai saber o que é esse amor incondicional que as pessoas falam e que é de fato diferente. Eu acho que isso é uma motivação, mas pós e contras. Já, acho que criar um ser humano é uma coisa fantástica. Você ter um amor que você não conhece até você ter. (Laura, 36 anos)*

*Eu não me vejo minha vida sem ter filhos, poder sentir esse amor incondicional, de verdade. Eu acho assim, que eu sempre tive sonhos, como terminar a faculdade que foi uma coisa muito difícil pra mim, vários sonhos, tipo sair do país, mas eu me vejo, se eu olhar pra trás e ver que eu não fui mãe, tá faltando alguma coisa. E agora que eu estou com meu marido casada há dois anos, igual eu escrevi, eu acho que já tá num momento que falta alguma coisa no casamento, eu sinto isso, entendeu? (Gisele, 33 anos)*

As entrevistadas Luiza e Laura mencionam como motivação a experiência de viver o amor incondicional, que para elas é exclusivo da relação materno-filial. Ambas apontam esse amor como um sentimento que pertence à maternidade e se recusar a vivenciar isso seria um desperdício. As falas corroboram os resultados do estudo de Donath (2017), que descreve a vivência do amor incondicional como uma das inúmeras promessas que a maternidade oferece às mulheres. A escolha por ter filhos torna-se atraente, uma vez que a maternidade permite a possibilidade de ser altruísta sem esperar nada em troca e de experimentar o tão idealizado amor incondicional. A autora ainda acrescenta que a natalidade oferece a esperança de fugir a um hipotético presente sem sentido. A fala de Luiza vai ao encontro de tal afirmação, quando

ela ressalta que um filho é uma motivação extra que justifica ela trabalhar tanto no presente, e que ele daria um sentido novo à sua vida.

Luiza ainda relata que se sentiria mais completa ao ser mãe, o que corrobora a premissa social que acredita que a maternidade preenche a mulher de uma condição de “esvaziamento” para posterior “completude” (Donath, 2017). Nessa perspectiva, as narrativas confirmam o que é ressaltado por Badinter (2011) quando postula que o filho oferece à mulher um sentimento de inteireza e um estágio de completude. Em consonância com o que também foi apontado por Donath (2017), a maternidade é vista com a possibilidade de proporcionar o nascimento de uma mulher inteira e satisfeita; enquanto o não ser mãe classifica a mulher como uma pessoa insuficiente e marcada pela falta. Embora Gisele não tenha retratado de forma tão clara o sentimento de incompletude por ainda não ser mãe, percebemos pela sua narrativa que a ausência de filhos é representada pela falta que atravessa sua vida e seu casamento.

### *Pressão biológica*

A busca pela maternidade pode ter significados diferentes para cada mulher, tendo em vista o período em que ela se encontra no ciclo vital. A idade das mulheres, considerando fatores biológicos, se apresenta como aspecto influenciador na escolha pela maternidade.

*(...) O que me influencia a ter filho é a idade, a idade é que está pesando mais, eu tenho medo de que quanto mais, tem chance de quando a pessoa tem filho mais velha pode ter problemas. Eu acho que é só isso, porque simplesmente se eu tivesse certeza que se eu tiver filho com 40 anos ele vai ser saudável, 100% de certeza a gente não vai ter, mas que fosse mais fácil eu acho que eu nem teria agora. Eu estou correndo por causa da idade. Estou com 33 anos eu teria com 35,36, por exemplo. (Gisele, 33 anos)*

*Isso já vem de alguns anos pra cá, a minha ginecologista fazia muita pressão, ela é minha ginecologista há muitos anos e desde que eu tenho trinta e pouquinhos, trinta e dois assim, ela ficava; ‘Laura você tem que pensar nisso’. Eu entendo a questão biológica e que ela é a responsável pela questão biológica e cada um tá vendo a sua área de atuação. Porque realmente com 37 eu poderia*

*querer e ela falar, 'Laura falei pra você, eu avisei sabe, e agora você não consegue.' Entendo, mas isso exerceu uma pressão que eu não gostei de ter sentido, e com o tempo aquilo foi causando uma angústia do tipo, o tempo tá passando. (Laura, 36 anos)*

*Aí depois, agora dois anos, eu resolvi me casar e tal, aí veio de novo essa questão de maternidade que bate na porta, o tempo, porque eu não sou tão mais nova e tem a dificuldade da coisa acontecer nessa idade, então é isso, mas e acho que até os 40 eu vou ter o meu primeiro filho. (...) Hoje a gente tem muitos recursos, se eu optar por esperar mais eu posso fazer um congelamento, tem "n" coisas, é obvio que quanto mais velhas a gente corre mais riscos, a gente corre o risco de ter uma pré-eclâmpsia. (Flávia, 37 anos)*

Os relatos das entrevistadas apontam que o chamado “relógio biológico” atua como uma “bomba-relógio” na vida da mulher e exerce uma influência na decisão de ter filhos e no não adiamento da maternidade. A preocupação das entrevistadas com o declínio da fertilidade após os 30 anos corrobora o que é ressaltado por Gonçalves (2005), quando aponta que as taxas de fertilidade têm uma queda inicial aos 30 anos e decrescem consideravelmente após os 35 anos e drasticamente aos 40 anos. Porém, no que tange dos avanços da medicina e suas contribuições, a transição para a maternidade se dá com muito mais êxito, comparada há alguns anos atrás. Consciente do declínio significativo da fecundidade, Flávia fala de meios a que poderia recorrer para garantir o desejo de ser mãe, como o congelamento dos óvulos, porém, assim como Maria, não deixa de reconhecer os riscos da maternidade tardia.

No Brasil, dados estatísticos apontam a queda na quantidade de filhos e a relacionam ao grau de escolaridade das mulheres, superior a 8 anos (IBGE, 2010). Acresce-se a isto, o fato de algumas priorizarem mais a profissão, viagens, realizações pessoais do que a maternidade. A fala da entrevistada Gisele corrobora os dados do IBGE, uma vez que ela fala de outras prioridades que antecedem a maternidade. As narrativas vão ao encontro dos estudos de Rios e Gomes (2008), que ressaltam aspectos sobre o adiamento da maternidade, tais como: grande acessibilidade aos métodos contraceptivos, avanço de técnicas de fertilização e a aspiração de conquistar um nível educacional e profissional satisfatório, assim como a busca pela independência financeira e reconhecimento social.

Postergar o projeto parental tem sido uma alternativa encontrada pelas mulheres para atender às inúmeras demandas sociais, pessoais e profissionais da atualidade. Porém, essa decisão não deixa de ser angustiante, devido à pressão que a idade exerce sob essas mulheres, como observamos no discurso das participantes. Algumas demonstram medo de se arrepender, pois é grande a probabilidade de enfrentar uma gestação problemática, ou de se deparar com a infertilidade. O caso de Verônica chama atenção, por ela ter 40 anos e não ter mais expectativa de engravidar. Ela fala com pesar por não ter feito a escolha pela maternidade quando mais nova.

*Não, não é que eu não queira. Já passou muito pela minha cabeça, eu me arrependo muito hoje, se eu for sincera, de não ter filhos antes, porque seria tudo mais fácil. Como eu tenho 40 anos se eu tivesse filhos 10 anos atrás, ele estaria com 10 anos, ele estaria em uma situação mais tranquila, eu também. Enfim, mas hoje eu não tenho essa perspectiva, não tenho pela idade. (Verônica, 40 anos)*

Uma reflexão crítica a partir do discurso da entrevistada pode desvelar um importante ponto sobre a não escolha anterior pela maternidade, que vai além do consciente e do manifesto. Hewlett (2008) discute que muitas mulheres declaram não ter decidido não ter filhos, mas pelo desenvolvimento profissional, e falta de parceiros o projeto parental não acontece. Observamos, que a fala de Verônica ilustra o pensamento da autora, uma vez que ela se depara com sua idade reprodutiva avançada, depois de adiar a maternidade por causa de outros imperativos. O que nos faz pensar que não ter filhos não parece ter sido uma decisão voluntária, e que devemos considerar as motivações defensivas inconscientes que escolhem não escolher, até que seja biologicamente impossível a reprodução.

### **3.3 Considerações Finais**

O presente estudo teve como objetivo investigar as motivações para ter filhos. Nessa perspectiva, observamos a dificuldade das entrevistadas ao responderem sobre o motivo de desejarem ter filhos. Concluímos que a maternidade por muito tempo esteve atrelada ao feminino e “ser mãe” era um caminho natural do “ser mulher”. Quando a maternidade representa o arquétipo da normalidade e uma sequência pertencente ao ciclo da vida, a gravidez acontecia de forma automática, baseada na equação mulher = mãe, cujo destino já



estava traçado. Desse modo, muitas mulheres ainda não refletem sobre se desejam ou não a maternidade e apenas aceitam esse momento como ciclo natural da condição de mulher. Compreendemos que o amor materno é um sentimento construído durante a relação mãe e bebê, e que demanda conexão, investimento e cuidado. Assim, filhos não fazem parte de um protocolo a ser seguido, e por isso torna-se fundamental que as futuras mães possam ter clareza sobre o desejo de reprodução, reflitam e ponderem sobre essa decisão. Sabemos que a escolha pela maternidade permeia questões conscientes e inconscientes, e permanece presente em muitas mulheres, apesar de não ser mais uma imposição biológica.

Um aspecto observado no discurso das entrevistadas é que elas não mencionam a adoção como alternativa para viabilizar o desejo de maternidade tardia. Compreendemos que na contemporaneidade já se legitima a filiação pela via afetiva, porém o quanto ainda o reconhecimento desse parentesco é frágil diante da filiação biológica? Apesar de a adoção se apresentar como possibilidade para vivenciar a maternidade, percebemos que as mulheres optariam por outras maneiras, como as tecnologias médicas e a medicina reprodutiva, para a realização desse desejo. De modo que, o investimento em uma filiação adotiva pode vir como último recurso, depois que outras alternativas se esgotam.

Outro aspecto ressaltado nas narrativas foi a motivação atrelada ao desejo de continuidade da família, e de transmissão de um legado para outras gerações. Além disso, constatou-se que a idade biológica da mulher é um importante fator que acaba influenciando na decisão reprodutiva, uma vez que a gestação tardia pode trazer complicações. Os resultados apontam que as mulheres temem postergar a gravidez para se dedicar a outros desejos, pois apesar do desenvolvimento da medicina, a diminuição da capacidade reprodutiva acontece com o avançar da idade.

Por fim, o trabalho permitiu compreendermos que as motivações para ter filhos são infinitamente complexas, uma vez que as participantes admitiam nunca terem pensando previamente sobre os motivos para gerar uma criança. Cabe salientar a limitação teórica deste estudo, na medida em que se encontrou uma carência de pesquisas abordando as motivações para a maternidade. A pouca literatura encontrada evidencia a importância da produção científica acerca desta temática.

Acreditamos que os resultados e discussão apresentados buscam avançar em termos de conhecimento científico, mostrando-se importantes na contribuição para o trabalho de profissionais de áreas sociais e de saúde, principalmente na compreensão e manutenção da

futura relação mãe e bebê. Por esta razão, sugere-se também que novos estudos enfatizando a perspectiva de mulheres de classes sociais menos favorecidas sejam desenvolvidos.

## 4. Conclusão

O presente estudo procurou investigar o desejo feminino de filhos na atualidade, sob a perspectiva de mulheres inseridas no mercado de trabalho. A literatura sobre o tema revela que ainda há na contemporaneidade o desejo de ter filhos, mas não se configura mais em um desejo universal. Muitas mulheres postergam a maternidade para se dedicar a outras aspirações, outras rejeitam o projeto materno para não ter que atender as demandas da maternidade.

Em meios a tantos modos de vida que a mulher pode escolher viver na contemporaneidade, ainda permanece o discurso social que espera que a mulher seja mãe. Isso porque a maternidade oferece às mulheres a sensação de pertencimento a um grupo e de cumprimento do seu dever biológico. Assim, quando as mulheres se veem livres para não vivenciar a maternidade, se deparam com a consequência da sua decisão, como a destituição de um lugar reconhecido socialmente, e a atribuição de uma imagem feminina incompleta.

Os resultados encontrados indicam que as motivações referentes à não maternidade e à maternidade são complexas e apresentam aspectos conscientes e inconscientes. Além disso, notamos a influência do legado geracional na escolha por ter filhos, uma vez que a vivência da maternidade da própria mãe contribuiu para que algumas mulheres rejeitassem o projeto materno. Ainda nesse viés, as narrativas apontaram que o amor incondicional vivenciado e transmitido pelas genitoras é um motivo para as mulheres desejarem ter filhos. A crença de um sentimento único da relação materno-filial faz com que as mulheres queiram ter a experiência do amor materno. Em uma sociedade que incentiva a natalidade, ter filhos surge como uma promessa de vida melhor, e da vivência de um sentimento sublime. Ainda nessa perspectiva, a transição para maternidade pode surgir, também, do desejo de continuidade da família, dando um significado maior para existência, e contribuindo com a perpetuação dos genes familiares. Para além do desejo de preservação da espécie, podemos pensar o desejo de filhos, através das contribuições da psicanálise, pelos ganhos narcísicos que a criança oferece para mãe. A experiência da maternidade possibilita o sentimento de onipotência e completude relacionada à capacidade de gerar uma criança, assim como a satisfação de se reconhecer no filho.

Percebemos que no processo histórico, a maternidade sempre foi encarada como curso natural que as mulheres precisavam seguir. Um aspecto encontrado nos resultados foi a ideia da reprodução como etapa normal da vida da mulher, sobre a qual não há reflexão, já que é

vista não só como algo normativo, como inerente à condição feminina. Assim, o pensamento de “deixar-se levar pela corrente” faz parte do conceito cultural, baseado num determinismo biológico que conduz a mulher ao encontro da maternidade.

Os resultados demonstraram que as mulheres contemporâneas valorizam a liberdade e a satisfação do eu em detrimento da maternidade, quando optam por não ter filhos para não sofrerem as renúncias e perdas que ser mãe requer. Observamos que a escolha pela não maternidade é condizente com os valores contemporâneos, que ressaltam o prazer imediato e o individualismo.

Outro aspecto relevante dessa investigação foi a infância e adolescência parentalizada ter significativa relação com o desejo de não ter filhos. Compreendemos que a inversão geracional tem consequências significativas para o universo infantil, contribuindo para aceleração dos processos de maturação. Tal fato pode interferir já na vida adulta, na decisão pela não reprodução.

Por fim, o “conflito de papéis” entre trabalho e família não se apresentou como muito relevante para a rejeição do projeto materno. Apesar de valorizada, as falas ressaltam a profissão como algo possível de conciliar com a maternidade. De modo que afirmar que as duas únicas vias para a realização feminina são o trabalho e a maternidade seria um erro, uma vez que desconsideraríamos a variedade de caminhos possíveis para as mulheres em processo de subjetivação.

Assim, concluímos que o destino da mulher se confunde cada vez menos com a maternidade, uma vez que outros caminhos são permitidos e desejáveis. Paralelo a isso, existem as mulheres para quem a maternidade não é um impedimento, seja para aproveitar os prazeres, seja para os compromissos profissionais, e o projeto materno, ainda se configura em uma via de realização. Desse modo, compreender o desejo de filhos da mulher contemporânea é complexo, uma vez que cada mulher é capturada por um contexto social, cultural, econômico que ecoa na sua história pessoal e aspectos inconscientes do psiquismo. A partir dessa rede complexa, a identidade feminina segue em constante desconstrução de antigos pilares que ainda hoje fomentam o imaginário social do que é “ser mulher”. O desejo de filhos é, sem dúvida, complexo, envolve sentimentos conflituosos e contraditórios e se faz necessário compreendermos toda uma rede de fatores, psíquicos e sociais. Esperamos que em meio ao questionamento feminino sobre ter ou não filhos, as mulheres possam escolher o que acreditam ser melhor para si, uma vez que na sua pluralidade não precisem se aprisionar em nenhuma imposição social.

Para expandir o conhecimento acerca do desejo de filhos, investigações futuras poderão se debruçar sobre diferentes contextos socioeconômicos. Os resultados apresentam subsídios importantes para a realização de outras pesquisas mais aprofundadas sobre a relação entre o processo de parentalização e o desejo de filhos. Além disso, a escassa literatura sobre as motivações referentes à maternidade dificultou a discussão dos resultados encontrados. Contudo, apesar das limitações deste estudo, seus resultados colaboram para o aperfeiçoamento do manejo clínico no atendimento de mulheres e casais, que se deparam com essas questões.

## 5. Referências Bibliográfica

Albertuni, P., e Stengel, M. (2016). Maternidade e novos modos de vida para a mulher contemporânea. *Psicologia em Revista*, 22, ( 3) p. 709-728.

Ariès, P. (1978). *A história social da criança e da família*. Rio de Janeiro, LTC.

Badinter, E. (2011). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

Bernardi, D.; Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. (2018). Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. *Contextos Clínicos*, 11(2), 161-173. doi: 10.4013/ctc.2018.112.02.

Bernardi, D (2018). O adiamento do projeto parental na contemporaneidade. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 26 (1), 59-64.

Blair-Loy, M. Rogers, L., Glaser D., Wong, A., Abraham, D. & Cosman, P. (2017). "Gender in Engineering Departments: Are There Gender Differences in Interruptions of Academic Job Talks?", *Social Sciences, MDPI , Open Access Journal*, 6 (1), 1-19. doi:10.3390/socsci6010029

Braga, N., Araújo, N. & Maciel, R. (2019). Condições do trabalho da mulher: uma revisão integrativa da literatura brasileira. *Psicologia: teoria e prática*, 21(2), 232-251. doi:.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v21n2p232-251

Braga, R. C., Miranda, L. H., & Correio, J. P. C. (2018). Para além da maternidade: as configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6), 523-540.

Brazelton, T. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.

Bruzamarello, D. , Patias, N. D., & Cenci, C. M. B. (2019). Ascensão profissional feminina, gestação tardia e conjugalidade. *Psicologia em Estudo*, 24, e41860. doi: 10.4025/1807-0329e41860

Bydlowski, M. (2000). *Je rêve un enfant: l'expérience intérieure de la maternité*. Paris: Odile Jacob.

Caram, C; Travaglia, I; Melgaço, R & Meira, Y. (2018). Em nome da família. In: Meira (Org) *O porão da Família: ensaios de psicanálise* (pp.67-77). Belo Horizonte: Artesã.

Del Priore, M. (2012) Magia e medicina na colônia: o corpo feminino In.: Del Driore, M. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 78-115.

Donath, O. (2017). *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*. Trad. de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Donati, P. (2003). La non-procréation: um écart à La norme. *Informations Sociales*, (27), 44-51

Fidelis, D. Q., e Mosmann, C. P. (2013). A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*, (42), 122-135.

Gonçalves, J. (2005). Avaliação do casal infértil. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 21(5): 493-503.

Hewlett, S. (2008) *Maternidade tardia: mulheres profissionais em busca de realização plena*. São Paulo: Novo Século.

Hoffman e Hoffman (1973) The value of children to parents. (In) J. T. Fawcett (Org.), *Psychological perspectives on population* (pp. 19-76). New York: Basic Books.

Fundação IBGE (2010). Síntese dos indicadores sociais 2010.

Jurkovic, G. (1997). *Lost childhoods. The plight of the parentified child*. New York: Brunner-Routledge.

Letherby, G. (2002). Childless and bereft?: Stereotypes and realities in relation to ‘voluntary’ and ‘involuntary’ childlessness and womanhood, *Sociological Inquiry*, 72(1), 7-20. doi: 10.1111/1475-682X.00003

Lima, M. G. R. (2013). *Filhos? Só depois. Um retrato da mulher contemporânea*. São Paulo: Editora Zagodoni.

Lopes, M.N.; Dellazzana-Zanon, L.L. & Boeckel, M.G.(2014). A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. *Temas em Psicologia*, 22(4), 917-928.

Maldonado, M. (1989). *Maternidade e Paternidade: Situações especiais de crise na família*. Vol. 2. Vozes: Rio de Janeiro

Mello, R. ; Féres-Carneiro, T. ; & Magalhães, A. (2019). Crianças parentalizadas: diálogo entre Ferenczi Boszormenyi-Nagy. In. Féres-Carneiro, T. (Org.), *Casal e Família: Filiação, intergeracionalidade e violência*. (pp.181-199). Rio de Janeiro. Editora Ed. PUC-Rio: Prospectiva.

Patias, N. D. & Buaes, C. S. (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*. 24(2), 300-306.

Rios, M.G & Gomes, I.C (2008). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 26(2), 215-225.

Rocha-Coutinho, M. (2011). De volta ao lar: mulheres que abandonaram uma carreira profissional bem-sucedida com o nascimento dos filhos. In: Féres-carneiro, T. (Org.). *Casal e Família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. (pp. 103-117). Rio de Janeiro: Casa do psicólogo.

Rocha-Coutinho, M. (2015). Investimento da mulher no mercado de trabalho: repercussões na família e nas relações de gênero. In: Féres-carneiro, T. (Org.). *Família e Casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos*. Rio de Janeiro: Editora Puc, (pp. 103-117).

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Safer, J. (1996). *Além da Maternidade: Optando por uma vida sem filhos*. São Paulo: Editora Mandarim.

Sardenberg, C. A. (2002). Mulher frente à cultura da eterna juventude: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista cinquentona. In: Ferreira, Sílvia L. e Rosendo, Enilda (Orgs.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/FFCH/UFBA, (pp.51-68)

Shover, L. R. (2005). Motivation for parenthood after cancer: A review. *Journal of the National Cancer Institute Monographs*, 34, 2-5. doi: 10.1093 / jncimonographs / lgi010

Silva, I. & Frizzo, G. (2014). Ter ou não ter? Uma revisão da literatura sobre casais sem filhos por opção. *Pensando família*. 18(2). 48-61.

TNS Sofres, (2009). Pourquoi fait-on des enfants? *Philosophie Magazine* (27).

Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.



## **Anexo 1- Roteiro semiestruturado de entrevista**

### **I. Desejo de filhos e aspectos motivacionais**

1. O que é ser mãe para você?
2. Você deseja ter filhos?

### **II. Feminino**

3. O que é ser mulher pra você?
4. O que você pensa quando falamos em feminilidade?
5. Você percebe alguma diferença das mulheres da geração da sua mãe para as da sua geração?

### **III. Expectativas Sociais**

6. Existem cobranças familiares e de amigos para que tenha filhos?

### **IV. Trabalho e maternidade**

7. O que seu trabalho representa para você?
8. Como você pensa em conciliar a maternidade com sua carreira?

### **V. Família de origem**

9. Ao longo do seu crescimento como foi a sua relação com sua mãe?
10. E com seu pai?
11. Tem mais alguma coisa que acha importante acrescentar?

## Anexo 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### Nome do projeto de pesquisa de dissertação de mestrado:

Ter ou não ter filhos? Motivações da mulher contemporânea para maternidade

**Nome da pesquisadora responsável:** Jaqueline da Silva Moraes

**E-mail:** [jaqueline.moraes27@hotmail.com](mailto:jaqueline.moraes27@hotmail.com); cel: (021) 99217-6449

**Nome da orientadora:** Terezinha Féres-Carneiro

**E-mail:** [teferca@puc-rio.br](mailto:teferca@puc-rio.br); cel: (021) 99111-0180

**Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq-PUC-Rio)**

Tel.: (021) 3527-1618

Com esta pesquisa pretende-se investigar o desejo feminino de filhos na atualidade. A justificativa desta pesquisa se deve ao fato de que os resultados obtidos poderão trazer subsídios relevantes para a prática clínica individual e com casais que se deparam com essa questão.

Você está sendo convidada a participar desta pesquisa, realizada a partir de uma entrevista, gravada em áudio, pela própria pesquisadora, e, posteriormente, transcrita. A entrevista foi agendada em local sugerido previamente por você e o tempo de duração é de aproximadamente cinquenta minutos. Todas as informações têm caráter confidencial, mantendo-se em sigilo a sua identidade. Após o término desta investigação, as gravações das entrevistas serão apagadas. As transcrições ficarão armazenadas em local sigiloso, sem identificação, em caixas arquivos, por um período de cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora, sua orientadora e da instituição de ensino PUC-Rio.

A sua participação é voluntária, estando você livre para fazer as perguntas que julgar necessárias, recusar-se a responder qualquer pergunta que lhe possa causar desconforto e interromper a entrevista quando assim desejar, sem qualquer constrangimento ou penalização. A pesquisa não tem custo, nem qualquer benefício financeiro ou gratificação decorrente da sua participação.

Considera-se que os riscos pela sua participação são mínimos, no entanto, caso haja algum desconforto psicológico durante a entrevista, a entrevistadora estará preparada para o

manejo da situação e, se for o caso, para interromper o procedimento e, até mesmo, para sugerir o encaminhamento para um atendimento psicológico.

Ao participar desta pesquisa, você estará contribuindo para o incremento do conhecimento científico sobre a identidade da mulher contemporânea e a maternidade. Aparentemente, você não terá nenhum benefício direto. No entanto, esperamos converter os resultados desse trabalho em ações benéficas para toda a população. Além disso, ao participar da entrevista, você terá oportunidade de refletir sobre as questões levantadas e como isso afeta a sua vida, bem como receber um retorno com os resultados da pesquisa, se assim desejar, fazendo contato com a pesquisadora por e-mail ou telefone.

Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CEPq-PUC-Rio), no endereço Rua Marquês de São Vicente, 225, Rio de Janeiro - RJ, número de telefone: (021) 3527-1618.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é assinado em duas vias, sendo uma entregue ao participante e, a outra, ao (à) pesquisador (a). Assinando este termo, você está autorizando a utilização das informações prestadas, em ensino, pesquisa e publicação, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família.

Fui informada sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Estou assinando voluntariamente este termo, o que indica que concordo com minha participação nesta pesquisa.

---

Assinatura da pesquisadora

---

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Rio de Janeiro, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_